

## HERMENÊUTICA DO GOLPE DE 2016

J. C. MARÇAL<sup>57</sup>

### RESUMO

Trata-se de elaborar uma hermenêutica sobre o Golpe de 2016 no Brasil a partir de uma abordagem marxista (os conceitos de lutas de classe, domínio ideológico e crítica ao capitalismo) e freudiana (os conceitos psicanalíticos de libido, transferência e pulsão de morte) para compreender um viés específico da vida política do país que vai de 2012 a 2018 - do Plano Atlanta ao impedimento da presidenta Dilma Rousseff e da prisão de Lula à eleição de Jair Bolsonaro - em uma perspectiva histórica, político-econômica e moral.

**Palavras-chaves:** Golpe, Hermenêutica, Marxismo, Psicanálise.

## HERMENEUTICS OF THE COUP OF 2016

### ABSTRACT

It is a question of elaborating a hermeneutic about the 2016 Coup in Brazil from a Marxist approach (the concepts of class struggles, ideological domain and a critical thought to capitalism) and Freudian (the psychoanalytic concepts of libido, transference and death instinct) to understand a specific bias of the country's political life from 2012 to 2018 - from the Atlanta Plan to the impeachment of President Dilma Rousseff and from Lula's arrest to the election of Jair Bolsonaro - in a historical, political-economic and moral perspective.

**Keywords:** Coup. Hermeneutics. Marxism. Psychoanalysis.

Será uma tarefa árdua para os historiadores explicarem, para as futuras gerações, o que ocorreu no Brasil no período de 2012 a 2018 e suas consequências após as eleições. As abordagens poderão ser as mais variadas: geopolítica do petróleo, a questão da misoginia, políticas neoliberais, o poder da mídia e o antipetismo, ascensão de um discurso fascista, anomia constitucional, crise econômica e política etc. Entretanto, tal tarefa deverá ser encetada com o intuito de tornar claro o que moveu o país para uma mudança tão radical: de uma esquerda moderada a uma direita com viés extremista.

Para contribuir nesse diálogo que tenta pensar a partir do próprio olho do furacão, iremos elaborar uma hermenêutica sobre o Golpe de 2016 - iremos denominá-lo de Golpe

57. Professor Adjunto de Filosofia da UFRPE.

mediático-jurídico-empresarial - nos valendo de dois pensadores: Karl Marx e Sigmund Freud. Essa tentativa de explicar o real na confluência de dois pensadores tão diferentes não é nova: a Escola de Frankfurt assim o fez, bem como o contemporâneo Slavoj Žižek que se utiliza de Hegel, Marx e Lacan para explicar os meandros da realidade.

De Marx, iremos nos utilizar dos conceitos de lutas de classes, domínio ideológico e crítica ao capitalismo, enquanto de Freud iremos utilizar os conceitos de libido, transferência e pulsão de morte. Essa junção visa permitir uma compreensão histórico-dialética do processo que culmina com a eleição do candidato Jair Bolsonaro e suas implicações político-econômicas de um lado e as implicações de cunho moral de outro. Das diretrizes do Plano Atlanta de 2012 às teratologias jurídicas do processo de impedimento da presidenta Dilma Rousseff “encabeçadas” por Janaina Paschoal e Miguel Reale Júnior à prisão de Lula e à campanha eivada de pós-verdade de Jair Bolsonaro, ambos os autores nos permitirão vislumbrar os fundamentos de alguns momentos e decisões essenciais ao todo do processo do Golpe.

## 2. Da Tragédia à farsa: neoliberalismo e geopolítica do petróleo

É célebre o adendo que Marx faz a Hegel no 18 Brumário sobre o fato de que todos os fatos e personagens da história do mundo se repetem: “[...] esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”<sup>58</sup>. Primeiro a Ditadura Militar, depois o Golpe de 2016. Pode-se pensar como foi possível, após os avanços socioeconômicos dos governos do PT, vermos a decadência de 86% de aprovação do presidente Lula e de suas políticas de inclusão virar manifestações a favor de uma direita que parecia tatear em suas propostas e sinalizar meramente para um antagonismo partidário. Mas Marx já advertira: a tradição de “[...] todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”<sup>59</sup>.

As advertências de Hayek e Friedman a Thatcher não seriam facilmente esquecidas. Como indicara David Harvey, o capitalismo, para sobreviver, precisa criar crises, uma vez que o neoliberalismo nada mais é do que domínio do capital financeiro e seu poder de especulação: sem crise, sem crescimento<sup>60</sup>. Vimos, por exemplo, essa crise assolar a Argentina, o papel do FED na economia americana em 2008, a crise na Grécia, os desmandos no Iraque, Líbia e Síria e o papel da Standard & Poor’s ( e isso mesmo a despeito das críticas de Paul Krugman) - e a posteriori da Fitch - criar uma crise econômica no Brasil a partir das reações do “mercado”.

58. MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 329.

59. Op. Cit.

60. Cf. HARVEY, David. O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

Historicamente, pode-se indicar como um dos pontos de partida dessa crise anunciada a reunião do Plano de Atlanta de 2012. Em um documento da COPPPAL, seu presidente, Manolo Pichardo, indicou que estratégias de setores conservadores das Américas - capitaneados pelos EUA - visavam não apenas desestabilizar as democracias populares do continente, como impedir, a posteriori, Lula de se candidatar em 2018<sup>61</sup>. Com o intuito de destruir a ordem institucional e democrática, o Plano Atlanta visava a intervenção espoliadora dos tradicionais baluartes da condução da vida político-econômica da região em contraposição aos governos progressistas que surgiram no século XXI.

Marx fala em *Klassenkämpfe*, ou seja, em lutas de classes no plural. O Manifesto Comunista quer demonstrar que a luta não se refere apenas à luta do proletariado contra o capitalista. O plural aqui “[...] remete à multiplicidade das configurações que a luta de classes pode assumir”<sup>62</sup>. Refere-se, também, entre outras, à luta entre as nações. Não há mudança no fato de que as relações econômicas é que fundam a base material das atuais lutas de classes - o que valia ao tempo de Marx, ainda vale hoje. O Plano Atlanta é uma estratégia de classe para impedir, na América Latina, que governos democráticos pudessem ensejar políticas socioeconômicas que fossem de encontro aos interesses predadores de empresas atreladas a tal núcleo e, ainda mais, alcançassem, em âmbito nacional, o verdadeiro sentido de soberana e autonomia. No caso específico do Brasil, era notório o caráter de protagonista que o país estava assumindo e as ameaças que tal protagonismo significava para a política de Washington<sup>63</sup>.

É importante indicar que a descoberta do pré-sal pela Petrobrás em 2006 e as consequentes descobertas posteriores - a quantidade de petróleo leve e gás indicavam a extração de 5 a 8 bilhões de barris, elevando, na Bovespa, as ações da Petrobrás em 20 por cento e de suas parceiras, a BB Group e a Galp<sup>64</sup> - e a tomada de posição do governo do PT de nacionalização dessa riqueza, pareciam assinalar que o Brasil iria entrar em um novo período de crescimento econômico e de protagonismo na América Latina. O Plano Atlanta, portanto, já tinha em visto essa crescente autonomia e protagonismo do Brasil.

Os fundamentos do neoliberalismo americano se assentam em políticas imperialistas. Em 2014, o Brasil assume uma postura que demonstrava o afastamento do país dessa

---

61. Cf. CARTACAPITAL. Lula é a joia da coroa do Plano Atlanta. In: <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-e-a-joia-da-coroa-do-plano-atlanta>. Visitado em: 20/10/2018. Não se deve olvidar, entretanto, as controvérsias que essa entrevista gerou e seus desdobramentos.

62. LOSURDO, Domenico. A luta de classes. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 29.

63. A BBC elencou quatro fatores para a perda do protagonismo do Brasil na América Latina à época do governo de Dilma: empecilhos em apuros, o avanço da China, os problemas domésticos de Dilma e economia enfraquecida. De nossa parte, entendemos que os itens 1, 3 e 4 se referem ao que citamos acima com o papel crucial das agências de investimentos e suas políticas neoliberais. Quanto ao item 2, é importante lembrar do encontro da Sexta Cúpula dos BRICS em Fortaleza de 15 a 16 de julho de 2014 e suas perspectivas e acordos. Cf. BBC. Quatro razões para a perda do protagonismo do Brasil. In: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150329\\_analise\\_brasil\\_lideranca\\_regional\\_lgb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150329_analise_brasil_lideranca_regional_lgb). Visitado em: 12/11/2018.

64. Cf. REUTERS, Petrobrás descobre reserva gigante de petróleo; ações disparam. In: <https://br.reuters.com/article/topNews/idBRN0820855620071108>. Visitado em: 02/09/2018.

influência americana. Em Fortaleza, Dilma Rousseff se alinha com a China, Rússia, Índia e África do Sul para a criação de um fundo de reserva e banco de investimentos. O fundo de reserva recebeu um aporte de US\$ 100 bilhões, enquanto o banco de investimentos recebeu um aporte de US\$ 50 bilhões. Interessante que, antes da reunião, Dilma havia se reunido com Vladimir Putin, presidente da Rússia, para assinarem nove atos de cooperação<sup>65</sup>.

Não foi de se estranhar, portanto, que o Wikileaks tenha revelado, em 2015, documentos secretos do governo americano. Esses documentos se referiam a informações confidenciais da Agência de Segurança Americana, a NSA. A Agência havia grampeado o telefone da presidenta Dilma Rousseff e mais 29 telefones de ministros<sup>66</sup>. Os números grampeados se referiam ao primeiro mandato da presidenta - o que demonstra a preocupação com as políticas do PT em relação à política externa do país que culminou com o acordo em Fortaleza.

A descoberta de Julian Assange tornava claro que a política de vigilância dos EUA se estendia, agora, para países amigos. Pode-se inferir uma conexão entre esses grampos e as diretrizes do Plano Atlanta: trata-se de vigiar os passos de um país que busca sua autonomia - e isso o pré-sal já dava fortes indícios - econômica e política. Mas como indicado, a luta de classes possui contornos complexos que se estendem em diversas direções. Aqui, tratava-se de coibir tanto as políticas do governo brasileiro como de criar um ambiente propício para que a popularidade desse mesmo governo sofresse uma queda drástica, capaz de redimensionar a política interna do país.

O crescimento da crise econômica no Brasil permitiu que o discurso da grande mídia assinalasse para esse caminho de reversão da popularidade do governo. A exacerbação do discurso midiático se atrelava a uma legitimação da instauração do processo de impedimento contra Dilma Rousseff. Foucault e Bourdieu compartilham a ideia de que o discurso “[...] de uma instituição, propagado por uma pessoa que pertence a esta, qualifica essa pessoa como detentora de poder, mas, da mesma forma, esse poder nunca é pessoal e, sim, qualificado pela instituição”<sup>67</sup>. Os discursos das instituições já estão prontos, circulando na sociedade, anteriores aos indivíduos. Nesse sentido, é “[...] a instituição que concede o poder ao indivíduo, é a que permeia toda a sua obra”<sup>68</sup>.

A dimensão midiática do Golpe tinha como lastro duas frentes: construir um ideal antipetista - culpando o PT por todos os problemas do Brasil e como a fonte única da corrupção no país, denegrindo a imagem de Dilma nas mais diversas frentes - e pavimentar

65. Cf. ao encontro, ver GLOBONews. Cúpula do Brics: veja as principais decisões do encontro de países. In: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/07/cupula-do-brics-veja-principais-decisoes-do-encontro-de-paises.html>. Visitado em: 12/10/2018.

66. Cf. ÉPOCA. Estados Unidos espionaram 29 integrantes do governo Dilma, diz Wikileaks. In: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/07/estados-unidos-espionaram-29-integrantes-do-governo-dilma-diz-wikileaks.html>. Visitado em: 17/10/2018.

67. POZOBOON, Rejane; DAVID, Carolina. Impeachment de Dilma Rousseff: análise argumentativas de Veja e CartaCapital após a votação na Câmara dos Deputados. Intexto. Porto Alegre, UFRGS, 2018, n. 41. p.175.

68. Op. Cit.

o sentimento de necessidade do impedimento da presidenta. O discurso, usado como instrumento de poder, deveria saltar da mídia para as instituições jurídicas. Era preciso garantir o tom de legitimidade e legalidade do processo - toda e qualquer tentativa de politizar o processo era rechaçado como fora do “verdadeiro” âmbito de articulação do sentido.

A legitimidade do discurso chancela seu poder na sociedade e lhe confere força sobre os indivíduos. As relações de poder reverberam no núcleo dos discursos legitimados das instituições. Sendo assim, era preciso conferir uma aura jurídica ao processo de mudança política por meio de um Golpe. É interessante - e necessário - assinalar que o papel dos militares nesse processo não é o mesmo do que ocorreu em 1964. Não se trata de uma tomada de poder direta. O papel dos militares é salvaguardar essa pretensa legitimidade, é ficar nos bastidores, na retaguarda do processo: toda vez que as instituições se pronunciavam ou se insinuavam contra o todo do processo do Golpe, os militares surgiam como uma sombra para que o caminho estivesse devidamente salvaguardado dos interesses daqueles que desejavam instaurar o Golpe.

Os bastidores dessa “operação” se revelaram na fala do senador Romero Jucá, em 2016, em uma conversa gravada com o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado. Na conversa, Jucá afirma que é preciso estancar a sangria causada pela operação Lava Jato - em que ambos estavam sendo investigados. Machado estava com receio de Janot e Jucá diz: “Eu acho que a gente precisa articular uma ação política”. Retruca Machado: “É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional”. Jucá: “Com o Supremo, com tudo”<sup>69</sup>. Esse grande acordo visava destituir Dilma da presidência e estabelecer um novo rumo político para o país. Já em 2014, Aécio Neves convoca a população a protestar e o PSDB requer, junto ao TSE, a cassação da chapa vencedora das eleições para presidente. Movimentos que se diziam apartidários - como o MBL e o Vem para a Rua - se alinham contra o PT no discurso generalista contra a corrupção. O cenário estava montado.

No dia 29 de março de 2015, o PMDB - após diversas manifestações pedindo o impedimento da presidenta Dilma Rousseff - oficializa sua ruptura com o PT. Miguel Reale Junior e Janaína Paschoal elaboram um pedido de impedimento contra Dilma Rousseff que é entregue ao presidente da Câmara por deputados da oposição. O pedido, em linhas gerais:

*[...] afirma que Dilma Rousseff teria editado seis decretos de abertura de crédito suplementar sem a autorização do Congresso e utilizado bancos públicos para financiar programas de governo - o que ficou conhecido pela expressão “pedaladas*

69. Cf. FOLHA DE SÃO PAULO. Em diálogos gravados, Jucá fala em pacto para deter a Lava Jato. In: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>. Visitado em: 22/10/2018.

*fiscais”. Assim, teria praticado conduta prevista na Lei no 1.079/1950<sup>70</sup>.*

Instaura-se, então, a dimensão jurídica do Golpe que visa, perante a população, justificar seu intento por meio da legitimidade e legalidade que a esfera do Direito se arvora. O ativismo judicial, já preconizado na tese de doutorado de Sérgio Moro, não se vale apenas da interferência política do judiciário, mas do uso cada vez maior da mídia como aliada no processo de construção de seus interesses. O poder judiciário - enquanto guardião da Constituição - assume uma atividade quase legislativa, participando de decisões políticas.

No dia 31 de agosto de 2016, por 61 votos a 20 em votação no plenário do Senado, Dilma é destituída do cargo. Michel Temer toma posse e as políticas do país mudam drasticamente. A Ponte para o Futuro - texto com dezenove páginas - trata, em linhas gerais, da necessidade de instaurar reformas urgentes no Brasil. Pode-se, assim, resumir o conteúdo do programa do governo Temer:

*Em linhas gerais, percebe-se no documento uma grande preocupação com a crise fiscal (diminuição dos recursos carregados aos cofres públicos) e com a rigidez do orçamento (“dificuldade” para alocação dos recursos). Esses fatores, combinados com a indexação de benefícios (salários, aposentadorias etc.) e com a falta de uma ampla reforma da Previdência, teriam contribuído para um desequilíbrio nas contas do Governo, para o aumento da inflação e para a crise econômica de modo geral. A solução, de acordo com o texto, deve passar pelo crescimento econômico, pela reforma do orçamento - para “flexibilizar” os destinos dos gastos públicos -, pela redução da taxa básica de juros e pela reforma da Previdência Social, principalmente com a revogação da indexação dos benefícios pelo salário mínimo (desindexação) e com o aumento da idade mínima para a aposentadoria<sup>71</sup>.*

O alcance do programa Ponte para o Futuro se alinhava com as expectativas neoliberais e ia além de suas próprias diretrizes: congelamento dos investimentos em ações sociais, retirada de diversos direitos trabalhistas, reformulação da Previdência contra os trabalhadores, processo de eliminação do poder dos sindicatos, venda do nosso pré-sal e políticas agressivas de privatização.

Entretanto, o processo não culminaria com o impedimento de Dilma. A baixíssima popularidade de Michel Temer não garantiria a permanência no poder dessas políticas neoliberais. O grande inimigo - e isso visando as eleições presidenciais de 2018 - era o ex-presidente Lula. Em 20 de agosto desse ano, o Ibope indicava que Lula tinha 37% de intenção de votos contra 18% de Jair Bolsonaro. O populismo de Lula surgia, então, como um entrave para a continuação do Golpe.

70. CAVALCANTI, Bernardo; VENERIO, Carlos. Uma ponte para o futuro? Reflexões sobre a plataforma política do Governo Temer. RIL, Brasília, 2017, a. 54, n.215, p. 143.

71. Op. Cit. pp.155-156.

Como dissera Manolo Pichardo, “Lula é a joia da coroa do Plano Atlanta”<sup>72</sup>. Lula é preso no dia 7 de abril de 2018. A fragilidade das acusações contra o ex-presidente se tornaram ainda mais evidente - para além da decisão teratológica de Moro - quando o MTST invadiu o triplex no Guarujá e mostrou para o Brasil as inconsistências entre o que havia sido afirmado por Moro no processo e a realidade do próprio triplex. Escreve Boulos: “Foi uma condenação sob encomenda, com viés casuístico e eleitoral. Manteve-se a aparência do rito judicial, em alguns momentos nem isso, mas as cartas estavam marcadas”<sup>73</sup>.

Com Lula fora do processo eleitoral de 2018, era preciso traçar os caminhos para a eleição de um candidato alinhado com a direita e com os interesses dos EUA: abria-se caminho para a eleição de Jair Bolsonaro. A luta de classes, agora, assumia uma nova cara: a dimensão moralista da cultura e do desejo.

### 3. Da retenção da libido à libido da retenção

Assim Freud define libido: ““Libido é um termo vindo da doutrina das pulsões, já utilizado nesse sentido por A. Moll (Pesquisas sobre a libido sexualis, 1898) para designar a expressão dinâmica da sexualidade, introduzida na psicanálise pelo autor destas linhas”<sup>74</sup>. Libido, portanto, se refere à energia das pulsões sexuais e a transformação da pulsão sexual quanto ao objeto, alvo e fonte de excitação<sup>75</sup>. Trata-se de conceito quantitativo que permite mensurar os processos de excitação sexual.

Em termos sucintos, pode-se definir transferência nos seguintes termos: “[...] processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos”<sup>76</sup>. Em termos psicanalíticos, o conceito ganha prevalência no contexto da relação analítica. Aqui, o estenderemos na relação com o objeto da libido. Tal permissão conceitual irá nos auxiliar a compreender o caráter de repressão de um tipo específico de libido e seu papel na construção do discurso do candidato Jair Bolsonaro.

De caráter acentuadamente machista, misógino, homofóbico, racista e classista, a cultura brasileira - a partir da abertura democrática e a consolidação das garantias fundamentais com a Constituição de 1988 - viu-se diante de novas expressões: o crescimento do movimento feminista, a luta dos movimentos negros e dos movimentos LGBTIQ. Historicamente, constrói-se uma ruptura com o que era considerada, em termos

72. CARTACAPITAL. Op. Cit.

73. Op. Cit.

74. FREUD, Sigmund. *Psychanalyse* et “Théorie de la libido. Oeuvres complètes Psychanalyse. Diretores da publicação: André Bourguignon e Pierre Cotet; diretor científico: Jean Laplanche, Paris, PUF. (1923a/1991). p.204.

75. Jung amplia o conceito de libido entendendo-a como a energia psíquica geral. Cf. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p.343.

76. Op. Cit. p.668.

do senso comum, a moralidade da família ideal, de uma compreensão sobre a sexualidade calcada em paradigmas específicos e na questão racial e o locus da mesma. .

Jair Bolsonaro - tanto no período de sua campanha a presidente quanto no período de sua atuação parlamentar - ficou notório por seu discurso homofóbico, machista e racista<sup>77</sup>. A questão fundamental aqui é: como é possível pensar a ascensão de um discurso ultraconservador no Brasil do início do século XXI?

Nossa tese: Bolsonaro deu voz a uma libido reprimida que encontrou em seu discurso um modo de expressar seu gozo. Tal gozo, entretanto, como uma negação de si mesmo, só é possível de ser efetivado a partir da própria negação do objeto de excitação. Assim, o homofóbico encontra seu gozo na negação do homossexual, o misógino na negação da mulher e o racista na negação dos negros. A repressão inicial dessa libido se realiza na repressão da libido do outro e, mais radicalmente, na negação da existência do outro. A libido opera uma transferência de objeto - o que pode ser desejado, aquilo que o superego aceita como moralmente válido, é negado na libido e transferido, de maneira inconsciente, para o verdadeiro alvo.

Henry Adams, Lester Wright e Bethany Lohr escreveram um artigo que nos auxiliará a lançar luz nessa tese: *Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal?* (Está a homofobia associada com excitação homossexual?). Os autores afirmam que Kuyper, em 1993, indica que a homofobia é resultante da remanescência da homossexualidade na resolução heterossexual do Complexo de Édipo<sup>78</sup>. Como é possível mensurar tal proposição?

Os autores, na Universidade da Georgia, realizaram um experimento com 64 homens. A experiência se iniciou com uma entrevista, a clássica IHP que estabelece o índice de homofobia. Dividiram, então, em dois grupos: os homofóbicos e os não homofóbicos. Ambos foram expostos a vídeos pornográficos com sexo consensual entre parceiros heterossexuais e homossexuais masculinos e femininos. Durante a projeção, cada indivíduo era monitorado usando um pletismógrafo - instrumento que registra mudança de tamanho de alguma parte do corpo. No caso da pesquisa, o instrumento foi usado para medir a ereção a partir de estímulo sexual. Resultado: a maioria dos homofóbicos teve tumescência e ereção significativas após serem expostos a vídeos pornográficos com parceiros masculinos homossexuais<sup>79</sup>.

O discurso de Jair Bolsonaro incitava elementos de uma libido retida, reprimida. O lugar do gozo do reprimido - no caso, o machista, racista e homofóbico - estava interdito como o lugar do politicamente incorreto. Alinhado ao crescente espírito antipetista -

77. Cf. REVISTA FÓRUM. Bolsonaro destila seu ódio e sua homofobia no SBT. In: <https://www.revistaforum.com.br/bolsonaro-destila-seu-odio-e-sua-homofobia-no-sbt/>. Visitado em: 22/10/2018.

78. Cf. ADAMS, Henry, et al. *Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal?* *Journal of Abnormal Psychology*, 1996, Vol. 105, No. 3, 440-445.

79. Cf. Op. Ci



bem urdido cotidianamente por uma grande parcela da mídia - o discurso de ódio se transformou na fonte de realização inicial dessa libido reprimida.

Bolsonaro parecia surgir, em uma aproximação com a teoria psicanalítica, como o grande pai, ou seja, aquele que pode interditar ou dar acesso ao gozo. No ideal do indivíduo reprimido, o discurso de Bolsonaro funcionava como o disparo de realização de sua libido. Evidente que esse mesmo indivíduo, por exemplo, não reconheceria a latência de sua homossexualidade. Ao contrário, sua ferocidade já é o indicativo dessa negação inconsciente. Mas o desejo não segue os ditames morais. Daí, na impossibilidade do rigor moral do superego em realizar tais demandas libidinais, a raiva e a negação com relação ao outro (na verdade, o objeto de desejo) se tornar o lugar da própria realização. Processo perverso e que se ocultava sobre a égide de uma moral que se quer universal e a única válida.

Pode-se inferir, portanto, que é possível pensar a retenção da libido do misógino como a negação da mulher - transferência de si mesmo para o outro que afirma esse si mesmo e o nega quando é subjugado - e do racista nesse mesmo âmbito. Entretanto, essa pulsão pode se transformar em pulsão de morte. Do local da retenção da libido do outro como modo de realizar a libido do reprimido, a negação total do outro surge como pulsão de morte.

Assim Laplanche define pulsão de morte: “Voltadas inicialmente para o interior e tendentes à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma de pulsão agressiva ou destrutiva”<sup>80</sup>. Absolutamente instrutiva essa conceituação para nosso caso em particular. A repressão da libido aqui apontada indica que a pulsão de vida tem como contraposição a pulsão de morte, o estado anorgânico. A dimensão de agressividade e destruição que lhe acompanha nos permite vislumbrar a segunda etapa dessa disfunção, ou seja, da negação do direito do outro em ser diferente do objeto que moralmente aceito, mas que não o é em verdade e que inconscientemente é o alvo desse desejo, passa-se à negação total do outro.

O processo de construção desse ideal de negação - e, portanto, de realização da libido reprimida - se deu por uma massiva ofensiva nas redes sociais por parte da campanha de Jair Bolsonaro. Os elementos da Cambridge Analytica - e o papel fundamental de Steve Bannon na campanha do candidato brasileiro - se demonstrou eficaz. Não se tratava mais, em um mundo pós-moderno dominado pela tecnociência, de fazer campanha política nos antigos moldes: propaganda na TV e no rádio, comícios e passeatas. Na verdade, Bolsonaro se eximiu dessas atividades. Não participou dos debates na TV, não fez comícios e nem

---

80. LAPLANCHE. J. Op. Cit. p. 528.

parades ou carreatas e tampouco precisou de espaço na propaganda política eleitoral gratuita. Ao contrário, foram o Twitter e o Whatsapp que impulsionaram seu discurso e sua ideologia - locus privilegiado da individualidade.

O elemento de pós-verdade de sua campanha - traduzida em uma massa descomunal de fake News - demonstrava que o elemento irracional era a tônica de sua campanha. Não era preciso propor ou prometer nada. Ainda mais, era possível fazer uma afirmação esdrúxula aqui e, logo em seguida, desfazê-la sem compromisso algum com as consequências. O elemento chave de seu sucesso foi a criação de um ambiente em que o discurso assinalava para a possibilidade de realização dessa libido reprimida ou dessa pulsão de morte.

Atrelada a essa dimensão dialógica, estava um processo urdido quase que silenciosamente no Brasil: a militância incansável dos evangélicos e o crescimento das suas igrejas. Não era de se estranhar a parceria que Edir Macedo estabeleceu com o candidato do PSL<sup>81</sup>. Os púlpitos dos evangélicos se transformaram não apenas em pregação moralista, mas também política. A esquerda se esqueceu dessa imensa e importantíssima parcela da população. Mas é preciso acrescentar que a militância evangélica desenvolveu políticas de ação tanto para as esferas etárias quanto sociais: ninguém e nenhuma classe social era deixada de lado.

O antipetismo encontrou sua irmã gêmea nessa retomada de uma moralidade cristã ortodoxa. O racionalismo foi deixado de lado e apenas o impulso e o irracional eram tomados como fonte de excitação. O resultado dessa combinação - políticas neoliberais, entreguismo nacional, imperialismo americano, pós-verdade e moralidade ortodoxa - permitiram o resultado das eleições para presidente no Brasil em 2018: Bolsonaro obteve 55,13% dos votos contra 44, 87% de Fernando Haddad<sup>82</sup>. Marx diria que o espírito dos mortos e das velhas tradições veio assombrar os vivos. Freud diria que libido reprimida encontrou uma forma de gozar. Brasil barroco no século XXI.

Recebido em 11 de março de 2019.

Aprovado em 18 de junho de 2019.

81. Cf. EXAME. Edir Macedo declara apoio a Bolsonaro. In: <https://exame.abril.com.br/brasil/edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro/>. Visitado em: 05/11/2018.

82. Cf. VEJA. Eleições 2018: Jair Bolsonaro é eleito presidente do Brasil. In: <https://veja.abril.com.br/politica/eleicoes-2018-segundo-turno-apuracao-resultado-presidente-ao-vivo/>. Visitado em: 06/11/2018.

## Referências

ADAMS, Henry, et al. Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal? *Journal of Abnormal Psychology*, 1996, Vol. 105, No. 3.

BBC. Quatro razões para a perda do protagonismo do Brasil. In: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150329\\_analise\\_brasil\\_lideranca\\_regional\\_lgb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150329_analise_brasil_lideranca_regional_lgb). Visitado em: 12/11/2018.

CARTACAPITAL. Lula é a joia da coroa do Plano Atlanta. In: <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-e-a-joia-da-coroa-do-plano-atlanta..> Visitado em: 20/10/2018.

CAVALCANTI, Bernardo; VENERIO, Carlos. Uma ponte para o futuro? Reflexões sobre a plataforma política do Governo Temer. *RIL*, Brasília, 2017, a. 54, n.215.

ÉPOCA. Estados Unidos espionaram 29 integrantes do governo Dilma, diz Wikileaks. In: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/07/estados-unidos-espionaram-29-integrantes-do-governo-dilma-diz-wikileaks.html>. Visitado em: 17/10/2018.

EXAME. Edir Macedo declara apoio a Bolsonaro. In: <https://exame.abril.com.br/brasil/edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro/>. Visitado em : 05/11/2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. Em diálogos gravados, Jucá fala em pacto para deter a Lava Jato. In: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>. Visitado em: 22/10/2018.

FREUD, Sigmund. *Psychanalyse*” et “Théorie de la libido. Oeuvres complètes *Psychanalyse*. Diretores da publicação: André Bourguignon e Pierre Cotet; diretor científico: Jean Laplanche, Paris, PUF. (1923a/1991).

GLOBONews. Cúpula do Brics: veja as principais decisões do encontro de países. In: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/07/cupula-do-brics-veja-principais-decisoes-do-encontro-de-paises.html>. Visitado em: 12/10/2018.

HARVEY, David. *O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LOSURDO, Domenico. *A luta de classes*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARX, Karl. *O Capital*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.